



Júlia Bezerra • Lucas Reginato

O FINO DA BOSSA

O programa de televisão
que revolucionou a música
popular brasileira



Realização:



© Júlia Bezerra e Lucas Reginato

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diagramação
Victor Malta

Diretora comercial
Patty Pachas

Preparação
Beto Furquim

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Revisão
Beatriz de Freitas Moreira

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Impressão
Loyola

Assistentes editoriais
Mayara dos Santos Freitas
Roberta Stori

Assistente de arte
Mislaine Barbosa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bezerra, Júlia

O fino da bossa: O programa de televisão que revolucionou a música popular brasileira / Júlia Bezerra, Lucas Reginato. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2017. 168 pp.

ISBN: 978-85-7888-621-9

1. O Fino da Bossa (Programa de televisão). 2. Televisão – Programas – Música popular brasileira. I. Reginato, Lucas. II. Título.

16-35572

CDD: 741.4572
CDU: 621.397

2017

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

A Jair Rodrigues

SUMÁRIO

Introdução, 9

Walter Silva

Da pick-up do Pica-Pau aos bastidores da música brasileira, 15

Jair Rodrigues

O carismático vozeirão que invadiu a noite paulistana, 25

Elis Regina

A estrela mais brilhante de Porto Alegre, 37

Manoel Carlos

O pioneiro da produção musical na televisão, 49

Caçulinha

O acordeonista queridinho de Elis, 67

Chico Buarque

O tímido estudante de arquitetura que virou compositor, 81

Paulinho Machado de Carvalho

O dono da casa, 89

Wilson Simonal

Suingue e pilantragem na televisão, 103

Miele & Bôscoli

A inseparável dupla que produziu a bossa nova, 125

Caetano Veloso

Um novo baiano à frente de seu tempo, 147

Referências bibliográficas, 164

Agradecimentos, 167

INTRODUÇÃO

A comunhão de povos das mais diversas origens fez do Brasil no século XX um fantástico laboratório de ritmos e melodias. Dos sambas de escravos recém-libertos na Bahia à colorida música eletrônica de indígenas no Pará, canções tristes e alegres narraram a vida nacional para quem quisesse ouvir. Nos anos 1960 e 1970, em São Paulo, egressos da bossa nova carioca agitaram uma nova cena que daria origem ao termo MPB. Na década de 1980, a periferia do Rio de Janeiro foi invadida pelo funk norte-americano de James Brown e acabou recriando o estilo por completo. Os anos 1990 ficaram marcados por testemunharem o encontro do rock e do hip-hop com o maracatu no Recife, resultando em uma mistura que ficou conhecida como manguebeat. Esses três movimentos foram escolhidos para compor uma coleção de livros que homenageia a riqueza e a diversidade da música brasileira. Neste volume, você irá conhecer *O fino da bossa*, inovador programa da TV Record que revolucionou as histórias da música e da televisão brasileiras.

* * *

Gravado ao vivo semanalmente no Teatro Record, em São Paulo, e com a exibição do videoteipe pela televisão alguns dias depois, cada episódio de *O fino da bossa* levava ao espectador cerca de vinte números musicais protagonizados por uma seleção de talentosos cantores da época. O programa catapultou não só a carreira de seus dois apresentadores – Elis Regina e Jair Rodrigues – como a de grandes artistas da música popular brasileira, como Chico Buarque, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Baden Powell. Também revelou nomes que perduraram na história da televisão nacional, como Caçulinha – músico de uma das bandas que acompanhavam a turma de Elis e Jair – e Manoel Carlos – membro da equipe de produção do programa que veio a se tornar um dos maiores escritores de novelas do país.

Mas não se trata de uma história simples de contar. Uma série de incêndios que acometeram as dependências da TV Record nas décadas de 1960 e 1970 destruiu o acervo da emissora. De *O fino da bossa*, não sobrou nada. Hoje, não há nenhum registro em vídeo do programa. O que restou foram algumas fotos e textos da imprensa, uma pequena amostra em áudio guardada pelo então técnico de som Zuza Homem de Mello e a memória dos que viveram a época. Depois de uma série de entrevistas e de um mergulho nos acervos de jornais do período, era hora de registrar as informações que tínhamos em mão.

– Meu amiguinho, pegue a sua malinha e se mande para o Rio de Janeiro, que São Paulo é o túmulo do samba.

Vinicius de Moraes, poetinha e carioca, não tardaria em se arrepender do conselho dado ao conterrâneo pianista Alfredo José da Silva, o Johnny Alf. Em 1960, porém, ele tinha seus motivos para desdenhar do papel de São Paulo na cena cultural brasileira. Os generosos cachês das boates Cave e A Baiuca, na rua da Consolação, centro de São Paulo, que haviam atraído Alf à Terra da Garoa, não eram páreo para a efervescência musical que agitava as ruas – e os apartamentos – do bairro de Copacabana, na zona Sul carioca.

Com o lançamento do LP “Chega de saudade”, um ano antes, o baiano radicado no Rio de Janeiro João Gilberto lançara um movimento que mudava a cara da música brasileira. O samba ganhou elementos do jazz, assumindo uma faceta menos africanizada e mais americanizada, de fácil assimilação por um público cada vez mais atingido pela influência cultural dos Estados Unidos. Só se falava em bossa nova. E era no Rio de Janeiro que João Gilberto, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Nara Leão, Roberto Menescal, Carlinhos Lyra, Astrud Gilberto e uma grande turma de jovens artistas faziam a bossa nova acontecer.

Mas, no fim das contas, Johnny Alf acabou por antecipar a viagem que muitos de seus colegas cariocas fariam

a São Paulo nos anos seguintes. Os jornalistas Moracy do Val e Franco Paulino, do jornal *Última Hora*, passaram a comandar encontros aos sábados, regados a uísque Mansion House, para a articulação do que seria chamado de Bossa Paulista. Em seus espaços no jornal, descreviam a cena e apontavam aqueles que consideravam os mais talentosos e promissores artistas:

Os proprietários da Baiuca, que deverá ser reaberta brevemente, nas proximidades da Igreja da Consolação, estão prometendo grandes novidades. (*Última Hora*, 30 de julho de 1956)

No Cave, sempre bastante gente aplaudindo Louis Cole e Nilton Rezende. O conjunto do acordeonista Aluísio é a grande nota do barzinho da rua da Consolação. É muito bom. (*Última Hora*, 17 de agosto de 1956)

João Gilberto já havia testemunhado o potencial paulistano quando, em suas primeiras empreitadas com a nova batida, contou com as vendas das Lojas Assumpção e suas 25 filiais por São Paulo. Nelas, em 1958, quando pouca gente no Rio sequer conhecia João Gilberto, ele era o mais vendido do ano com o 78 rpm de “Chega de saudade” e “Bim-bom”. Em pouco tempo, brotavam pelo centro da cidade novos palcos, novos compositores, novos públicos, que chamaram a atenção da turma da bossa nova. Os ca-

riocas, que no final da década anterior, haviam se organizado no grande movimento artístico da então capital federal, somavam-se, por fim, a paulistas e imigrantes naquela que já era a maior metrópole do país.

São Paulo não era um túmulo, como havia dito o poeta, mas um terreno fértil. Em 17 de janeiro de 1961, o *Última Hora* aproveitou a notícia de uma briga entre João Gilberto e o cantor paulista Tito Madi para, definitivamente, atestar a movimentação cultural que se dava na cidade:

São Paulo, assim, está sendo local, ultimamente, de modo curioso, de ocorrências policiais com artistas conhecidos do rádio e da televisão cariocas. Não há muito, como foi amplamente noticiado, o automóvel de Ângela Maria atropelou e matou um senhor. Há dias, César de Alencar causou espetacular acidente de trânsito, em estado de embriaguez, estando, também, a responder inquérito, sob o risco de ser processado. E, agora, a agressão de João Gilberto a Tito Madi. Mas isto que, à primeira vista, parece negativo, é demonstração evidente de que São Paulo já é, hoje, ponto convergente da vida artística nacional. E uma coisa, paradoxalmente, decorre da outra.